

Executiva do PMDB se reúne sob a ameaça de divisão do partido

por Marta Salomon
de Brasília

A Comissão Executiva Nacional do PMDB se reúne nesta segunda-feira dividida entre apoiar a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva ou liberar seus filiados no segundo turno da eleição. A maioria defende o apoio a Lula, através de nota da Executiva. "Apesar das diferenças e divergências com o PT, não podemos nos omitir", avalia o deputado Antonio Brito (PMDB/RS). "O PMDB já perdeu duas eleições por falta de definições", acrescentou o deputado.

O racha no partido, com a maior representação no Congresso, parece inevitável: "É preferível termos poucos firmes que muitos vacilantes", defende o governador do Rio, Moreira Franco. Ele esteve em Brasília junto com o governador de Pernambuco, Miguel Arraes, e o candidato à vice, Waldir Pires, articulando o apoio do partido ao adversário de Fernando Collor de Mello. Nos últimos três anos, o PMDB evitou definições sobre o tamanho do mandato do presidente Sarney e o sistema de governo e perdeu um terço da bancada, hoje dividida entre moderados, progressistas e ulyssistas.

A opção pela neutralidade do PMDB no segundo

turno é defendida pelo grupo ulyssista (7 dos 15 votos na executiva). A divisão pode fazer com que o deputado Ulysses Guimarães adie a volta à presidência do partido, prevista para esta segunda-feira — ele se licenciou para cuidar da campanha. Ulysses foi aconselhado por amigos a se preservar para um futuro papel de negociador do Congresso com o novo governo.

Por enquanto, Ulysses tenta mais uma vez evitar o racha. Mas não consegue evitar acusações da ala mais "progressista": "O grupo ulyssista quer continuar jogando na geléia geral", disse o deputado Márcio Braga (RJ), anfitrião das reuniões do grupo "Novo PMDB". O deputado admite que a definição do partido seria mais tranquila se o adversário de Collor fosse o candidato do PDT, Leonel Brizola.

Mesmo entre os que defendem o apoio à candidatura Lula, há divergências em relação à eventual participação no governo petista. Poucos defendem o avanço de negociações sobre o programa de governo, por exemplo. Para o coordenador da campanha do PMDB, o ex-ministro Renato Archer, a derrota do partido indica que "o caminho natural é a oposição a quem for eleito".